

Joana D'arc de Souza

O CANDOMBLÉ E SUAS ORIGENS

Nome: Joana D'arc de Souza

Titulação: Mestrado

Instituição: Pontifícia Universidade Católica de Goiás

Resumo:

A presente proposta visa a apresentação do orixá Ossaim intitulado o senhor das folhas, da ciência e das ervas, o orixá que conhece o segredo da cura e o mistério da vida. Uma narrativa de Reginaldo Prandi mostra um universo mágico de Ossaim. O ser humano pode ser considerado como uma pessoa obstinada por saúde do corpo, da mente, da emoção e do espírito. Nesse sentido também, todos os orixás recorriam a Ossaim para curar qualquer moléstia, qualquer mal do corpo. Tamanha era a importância de Ossaim. No entanto, todos dependiam desse orixá na luta contra a doença. Isso, como veremos adiante, acontecerá com banhos, chás, infusões, pomadas e outros preparados mágicos eram oferecidos para a cura dos males. Em uma casa de candomblé, um dos elementos principais e que requer grande sabedoria são as folhas.

Esboçaremos uma breve definição do candomblé de acordo com os estudiosos (BARROS; TEIXEIRA, 1989, p. 36), o candomblé pode ser definido como uma manifestação religiosa resultante da reelaboração das várias visões de mundo e de ethos provenientes das múltiplas etnias africanas que, a partir só século XVI, foram trazidas para o Brasil. É somente no século XVIII que esta designação vai ser encontrada aplicada aos grupos negros organizados e especialmente localizados.

Os Terreiros, Roças ou Casas-de-Santo, denominações correntes utilizados para nomear espaços e grupos de culto aos deuses africanos - Orixás, Inquices e Voduns, representam assim historicamente, uma forma de resistência cultural e de coesão social (RODRIGUES, 2010, p. 113).

Podemos sustentar que as formas de expressão da religiosidade africana, no caso brasileiro, podem ser consideradas fatores fundamentais para a formação de reagrupamentos institucionalizados de africanos e seus descendentes, escravos, foragidos e libertos. A religiosidade originou e alicerçou formas

específicas que particularizam e definem relações interpessoais, regras e valores que identificam os adeptos e as suas respectivas formas de expressão religiosa (BARROS; TEIXEIRA, 1989, p. 37).

Há outro aspecto a ser considerado, durante sua passagem pela Terra, os orixás viveram aventuras que ficaram gravadas nos anais dos tempos e eram passadas de pai para filho na tradição oral. Os candomblés pertencem a nações diversas e por isso possuem tradições diferentes, as nações de maior influência são: Angola, Congo, nagô, Ketu, Ijexá. Nos cultos afro-brasileiros de tradição Yorubá, cultuam-se os orixás, que participam de um panteão africano estimado em 401 divindades. Porém é importante ressaltar que atualmente no Brasil não estão presentes o culto a todas essas divindades, ou mesmo na África (PRANDI, 2000, p. 7).

Como afirma Tramonte (2010, p. 2-5), estudos iniciais de que se tem conhecimento indicam a ligação das religiões afro-brasileiras com seu aspecto terapêutico, tanto no sentido físico quanto psicológico. Adeptos e “clientes” recorrem às práticas terapêuticas próprias das Casas de Santo. O perfil social dos praticantes das religiões afro-brasileiras não estará restrito às classes populares desde seus primórdios, embora haja concentração de lideranças e participantes neste extrato social nesta fase. Parcelas das classes médias e altas integrarão o “povo-de-santo”, ora somente como consulentes dos “serviços espirituais”, como no passado, ora como adeptos e praticantes regulares como atualmente. Haverá variação ao longo do tempo na concentração numérica: nos primórdios, até os anos 40, as classes médias e altas recorrerão às religiões afro-brasileiras somente como consulentes; a partir de então será possível visualizá-las como integrantes regulares dos terreiros.

De acordo com Geertz (1989, p. 89), compreendermos e definimos o com um complexo cultural no qual se verifica um conjunto de significados transmitidos historicamente, reelaborados em novo contexto e que vão dar origem a formas simbólicas específicas, por meio das quais os adeptos transmitem e desenvolvem seu conhecimento e suas atitudes em relação à vida.

Além disso, os africanos, por onde passaram deixaram seu legado e sua marca: segredos, encantos, ensinamentos, a partir disso sua devoção foi se construindo e sendo passada de geração em geração. A iniciação é condição básica para a inserção não só no povo de santo, mas para inserção numa família de santo.

O segredo das folhas e os rituais de cura na tradição Afro-brasileira

É importante ressaltar que, nesta reflexão discutiremos sobre o campo da saúde e suas relações com as práticas relacionadas às plantas e as ervas medicinais no candomblé. Plantas que agem eliminando energias negativas produzindo energias positivas. Aqui destacarei Ossaim, Senhor das folhas e ervas medicinais, é por benção deste orixá que temos os remédios para a cura ou tratamento de diversas doenças.

Assim, no âmbito dos Terreiros de candomblé a construção social do indivíduo é desenvolvida gradualmente a partir de um processo iniciático. Expressão no idioma Yorùbá que quer dizer: "Se não há folhas, não há Òrìsà!" Esta expressão dá o entendimento da importância das folhas dentro dos rituais de origem africana, no entanto, queremos aqui ampliar este conceito, traduzindo por folhas os vegetais de um modo geral, incluindo além de suas folhas, seus frutos, sementes, e até mesmo seu caule; e traduzindo por Òrìsà, os diversos usos "mágicos" desses vegetais (PORTAL DOS ORIXÁS).

O que podemos perceber é que, ao longo da história, de acordo com a conclusão de Botelho (2010, p.1), a tradição religiosa afro-brasileira agrega importantes contribuições para a sociedade brasileira, principalmente no que tange ao uso e preservação das matas, se opondo à filosofia da dominação tão disseminada pela sociedade ocidental, onde a função do homem é subjugar toda a natureza, apenas servindo-se dela. Essa cultura africana no Brasil enriqueceu o conhecimento sobre ervas na sociedade, o seu contato com outras culturas como os povos indígenas e europeus, criou um complexo e diversificado saber sobre folhas. Além disso, o intercâmbio Brasil – África corroborou para a presença em território brasileiro de muitas espécies de vegetais de origem africana ou asiática. É inquestionável a importância que as plantas têm em todas as culturas e em todas as épocas. Quer seja para a alimentação, para a cura de doenças ou para rituais religiosos. Dentro da mística do candomblé, religião de tradição africana de culto aos orixás, conhecer as folhas faz parte do fundamento religioso e da ligação homem – natureza – divindade.

Todo ritual do candomblé começa com as folhas. Porém antes mesmo das cerimônias, o ritual começa já na obtenção das folhas e no cuidado que se tem com elas. As folhas usadas no terreiro são adquiridas em sua maioria numa horta comunitária, onde vários outros terreiros encontram as ervas necessárias.

Sobre essa realidade do Terreiro, mais uma vez, Botelho (2010, p. 2) afirma que a religião teve que sofrer adaptações, destacamos o acesso às folhas, muitas vezes pela falta de espaço para manter “o mato da casa”, é preciso recorrer aos mercados, feiras, ou hortas comunitárias para se conseguir as folhas necessárias para os rituais religiosos. Todo esse cuidado é observado no cotidiano do terreiro, desde a obtenção das folhas, a preocupação com a pessoa que cuidará delas, a forma de guardá-las entre outras. Há uma expectativa na certeza dos resultados, quer seja nos tratamentos de saúde, quer seja nas festas e rituais sagrados, o início de tudo que é a manipulação das folhas tem que ser rigorosamente observado para que nada ocorra de errado. Reverenciar a folha e pedir licença ao seu patrono que é Ossaim demonstra que o homem é apenas parte de conjunto natural e harmônico, o ser humano não é o dono de tudo, mas parte de um complexo e organizado. No encantamento das folhas, a palavra adquire um poder de ação muito forte, porque ela está impregnada de axé, essas palavras rituais, ofó, mobilizam o axé quando pronunciada de acordo à dinâmica litúrgica. Por isso as palavras estão carregadas de emoção, da história pessoal e do poder daquele que a profere. A palavra é atuante e pronunciada no momento certo induz à ação. No universo religioso afro-brasileiro a fala é transmissora do saber que desperta o poder mágico da folha.

Bastide (1974, p. 395) expõe que, no candomblé há uma tríplice função da religião que é; adivinhação, colheita de ervas e culto dos antepassados. E por isso coexistem três sacerdócios com funções diferentes, mas que possuem igual valor no culto, que são o babalorixá, que preside ao culto dos orixás, o babalossaim, que presidem ao culto de Ossaim, e os babuje que presidem ao culto dos Eguns.

Vemos, então, que toda essa força vinda do axé das folhas facilita a incorporação mediúnic e também aumenta a saúde física e psíquica. A força do Orixá se funde na energia terapêutica do vegetal, aumentando o poder e a eficiência no organismo da pessoa. Há um equilíbrio das forças ante a magia e a demanda. É a força cósmica da

natureza comandando a mente por intermédio dos aromas e princípios curativos das ervas, inclusive da descarga humana através dos banhos e defumações purificações purificadoras que recebem das matas os elementos primordiais dessas magias. Através dessa complexa mistura de forças e aroma provenientes das ervas, provoca-se uma harmonia de vibrações (PÓVOAS, 2009, p. 40-42).

Novamente, retomamos Botelho (2010, p. 7), as folhas estão presentes também na feitura, momento em que a pessoa (iaô) passa a fazer parte definitivamente da religião através da iniciação. Essas folhas usadas para a pessoa deitar sobre elas, transmitem seu axé para a pessoa recolhida e ajuda a tornar presente o orixá. Esse momento ele é precedido de oferendas de comidas específicas dos orixás, que são entregues nas portas dos compartimentos sagrados. As folhas têm essa importante separação, as que são para banho e para chás, não se pode misturá-las. Usa-se também muitas folhas na benzeção. Há outros momentos em que as folhas estão presentes, como para servir comidas aos santos, prática geralmente feita para cumprir obrigações, também em algumas festas oferece-se comida em folhas às pessoas presentes.

Ossaim: orixá das ervas e folhas, das plantas medicinais e de tudo que cresce livremente.

Buscamos nos apropriar em BERKENBROCK (1997, p. 244-45), ao citar como o orixá da vegetação, das folhas, das ervas e especialmente do Axé por elas contidas. Todos os preparados de ervas estão sob a proteção de Ossaim. As plantas têm no candomblé tanto uma importância litúrgica como medicinal. Praticamente todas as cerimônias no candomblé necessitam do uso de alguma planta ou de algum preparado de ervas. Os banhos de purificação são parte obrigatória do tempo de iniciação. Eles são feitos com a mistura de diversas ervas que podem ajudar o iniciado a entrar em transe. As ervas podem liberar diversos axés na vida de um iniciado, tem um status especial no culto. O culto a Ossaim é incomum. Justamente por causa de importância no sistema religioso do candomblé, seu culto é organizado de forma independente e autônoma. Ossaim tem uma sociedade organizada própria e um sacerdócio especial a ele devotado: os Babalossaim. Estes são responsáveis tanto pelo culto a

Ossaim, como pela coleta, tratamento, preparação e efeito das plantas. Eles formam uma sociedade quase secreta no candomblé. Esta sociedade detém os conhecimentos sobre os efeitos das ervas, sua forma de coleta e preparação. Os conhecimentos são tanto rituais como medicinais.

Ossaim vive no mato e sua cor é o verde. A parte “floresta” do terreiro é seu domínio. Ele é um Orixá cultuado ao ar livre. As ervas de Ossaim não devem ser cultivadas, mas crescer livremente na mata. As ervas cultivadas em casa, mesmo sendo da mesma espécie, não possuem o mesmo axé de Ossaim, pois cresceram no espaço cidade, que não está sob o domínio de Ossaim. As plantas e os seus efeitos à disposição de todas as pessoas. O mesmo vale para Ossaim: ele está a serviço de todos. Através de ervas, ele pode vingar-se, como trazer sorte, saúde, amor e fecundidade (BERKENBROCK, 1997, p. 245).

Encontramos mais detalhes da história de Ossaim, filho de Nanã e irmão de Oxumaré, Ewá e Obaluaê, era o senhor das folhas. Todos recorriam a Ossaim para curar qualquer moléstia, qualquer mal do corpo. Todos dependiam de Ossaim na luta contra as doenças. Todos iam à casa de Ossaim oferecer seus sacrifícios. Em troca Ossaim dava seus preparados mágicos: banhos, chás, infusões, pomadas, abo, beberagens. Curava as dores, as feridas, os sangramentos, as disenterias, os inchaços e fraturas; curava as pestes, febres, órgãos corrompidos; limpava a pele purulenta e o sangue pisado; livrava o corpo de todos os males.

Um dia Xangô, que era o deus da justiça, julgou que todos os orixás deveriam compartilhar o poder de Ossaim, conhecendo o segredo das ervas e o dom da cura. Xangô sentenciou que Ossaim dividisse suas folhas com os outros orixás. Mas Ossaim negou-se dividir suas folhas com os outros Orixás. Xangô então ordenou que Iansã soltasse o vento e trouxesse ao seu palácio todas as folhas das matas para que fossem distribuídas aos Orixás.

Iansã fez o que Xangô determinara. Gerou um furacão que derrubou as folhas das plantas e as arrastou pelo ar em direção ao palácio de Xangô.

Ossaim percebeu o que estava acontecendo e gritou: “*Euê uassá!*”. “As folhas funcionam!”. Ossaim ordenou que as folhas voltassem às suas matas e as folhas obedeceram às ordens de Ossaim. Quase todas as folhas retornaram para Ossaim.

As que já estavam em poder de Xangô perderam o axé, perderam o poder de cura.

O orixá-rei, que era um orixá justo, admitiu a vitória de Ossaim. Entendeu que o poder das folhas devia ser exclusivo de Ossaim e que assim devia permanecer através dos séculos. Ossaim, contudo, deu uma folha a cada orixá, deu uma *euê* pra cada um deles. Cada folha com seus axés e seus *ofós*, que são as cantigas de encantamento, sem as quais as folhas não funcionam.

Ossaim distribuiu as folhas aos orixás para que eles não mais o invejassem. Eles também podiam realizar proezas com as ervas, mas os segredos mais profundos ele guardou para si. Ossaim não conta seus segredos para ninguém, nem mesmo fala. Fala por ele seu criado Aroni.

Os orixás ficaram gratos a Ossaim e sempre o reverenciam quando usam as folhas (PRANDI, 2001, p. 153-54).

REFERÊNCIAS

BARROS, J.F Pessoa; TEIXEIRA, Maria L. Leão. *O Código do Corpo: Inscrições e Marcas dos Orixás*. In: MOURA, Carlos Eugênio de (Org.). 1 ed. *Meu sinal está no seu corpo*. São Paulo: EDICON/EDUSP, 1989, 36-62 p.

BASTIDE, Roger. *As religiões Africanas no Brasil*. Tradução Maria Eloisa Capellato. 3. ed. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1974.

BERKENBROCK, Volney J. *A experiência dos orixás: um estudo sobre a experiência religiosa no candomblé*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

BOTELHO, Paulo F. *O segredo das folhas e os rituais de cura na tradição AfroBrasileiro*. Disponível em: <http://www.cult.ufba.br/wordpress/24807.pdf.html>. Acesso em: 12 de Maio de 2016, 15:58.

GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: RJ: LTC, 1989.

PORTAL DOS ORIXÁS. *Os Orixás*. Disponível em: <http://www.portaldosorixas.com.br/portaldosorixas/entrada.html>>. Acesso em: 02 de Maio de 2016, 11:50.

PRANDI, Reginaldo. *De africano a afro-brasileiro: etnia, identidade, religião*. REVISTA USP. São Paulo, n. 46, p. 52-65, junho/agosto 2000.

PÓVOAS, Ruan do Carmo. *O Segredo das Folhas*. REVISTA KÀWÉ, Ilhéus, n. 3, 2009, p. 40-42.

RODRIGUES, R Nina. *Os africanos no Brasil* [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2010. 303 p. ISBN: 978-85-7982-010-6. Available from SciELO Books. Disponível em <<http://books.scielo.org>>. Acesso em: 09 de abril de 2016, 23:14.

TRAMONTE, Cristiana. *Urbanização, Umbanda e Saúde Popular em Santa Catarina: A construção Feminina do Bem Estar Físico e Mental*. Disponível em: fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1275931804_ARQUIVO_... · Arquivo pdf. html>. Acesso em: 02 de maio de 2016, 10:45.